

## LITERATURA

## JOSÉ CARDOSO PIRES



NO SALDO POSITIVO deste ano, a ficção portuguesa apresentou um romance que me empolgou pela perfeição da estrutura. *Bolor*, de Augusto Abelaira. Bem sei que as coordenadas típicas de Abelaira — a dialéctica do movimento da narrativa e as sobreposições sucessivas do Tempo e do Espaço — vêm, uma vez mais, em evidência e que, uma vez mais, voltamos a encontrar a temática característica do autor. Mas cada romancista, quando é grande, descobre o seu ângulo pessoal e quase privado de encarnar a sociedade; o problema que selecciona e do qual faz o lugar geométrico dos diversos esquemas sociais é, afinal, a sua grande descoberta — e não as originalidades formais ou

quaisquer curiosidades de mera apresentação romanesca.

Abelaira, como se sabe, tem a sua temática própria. De livro para livro insiste nela porque ao fim e ao cabo, a carreira do romancista é, muitas vezes, a de dizer uma só coisa em iargueza e profundidade. Ir mais longe e mais dentro. Medir-la com novos padrões, acrescentá-la revê-la. É essa insatisfação que dá a marca do escritor que, porque o é, não repete os outros e, insistindo em si mesmo, não se repete.

Pois bem, *Bolor* é o romance mais perfeito de Abelaira. O que melhor corresponde ao clima de lucidez que este autor trouxe à nossa ficção. E também aquele onde um humor doloroso e terrível se faz sentir com maiores e mais subtis acentos. E um dos romances mais bem estruturados de toda a nossa literatura. Um livro que valeu o ano.

Que li eu mais que me interessasse? Um original de Namora — *Um Sino na Montanha* — que me valeu bastante meditação e que continua uma abertura nova iniciada por este escritor na sua obra. Li *A Casa de Correção* de Urbano Tavares Rodrigues, talvez a obra mais acabada de um novelista que ansiosamente procura captar o imediato e, daí, as suas virtudes. Li *O Despojo dos Insensatos* de Mário Ventura onde encontro um significativo passo de evolução que me astarta salientar. Depois houve duas estrelas: a de Maria Isabel Barreno, que me dizem ser im-

portante mas que não tive oportunidade de ler, e a de João Palma Ferreira que considero de real interesse pela segurança formal demonstrada e pelo ofício da construção.

Na poesia, além de Alexandre Pinheiro Torres, apenas me interessaram os dois extraordinários livros de Carlos de Oliveira: *Sobre o Lado Esquerdo* e *Micropaisagem. Ilha do Desterro* de Alexandre Pinheiro Torres trouxe-me uma voz refrescada por um longo silêncio e o que mais me impressionou nesses poemas foi o terno eco da infância, tantas vezes lançado por outros poetas, mas agora «redescoberto» com tonalidades novas. Quanto a Carlos de Oliveira foi com entusiasmo e emoção profunda — que reconheci nele as qualidades que o elevaram ao mais alto plano da nossa literatura e que provêm de um talento excepcional, servido por uma exigente honestidade de trabalho e por uma contínua renovação.

Finalmente, refiro-me aos *Ensaíos* do prof. Vitorino de Magalhães Godinho como acontecimento fundamental da Cultura Portuguesa e como um elemento da maior importância na vida editorial. Para lá disso, a segurança da investigação garantida nesta obra a diversidade de problemas e de ângulos novos que a um leitor como eu propõem inúmeras sugestões e uma vivacidade de argumentos sobre a realidade portuguesa.